

Irmãozinho e irmãzinha

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

O irmãozinho pegou a irmãzinha pela mão e disse: “Desde que nossa mãe morreu, não tivemos mais uma hora feliz. A madrasta nos bate todos os dias e, quando chegamos perto dela, nos afasta a pontapés. Nossa comida são as cascas duras de pão que sobram, e o cachorrinho debaixo da mesa passa melhor do que nós: de vez em quando ela ainda lhe joga um bom bocado. Que Deus tenha piedade, se nossa mãe soubesse disso! Venha, vamos sair juntos pelo mundo.” Andaram o dia inteiro por prados, campos e pedras, e, quando chovia, a irmãzinha dizia: “Deus e nossos corações estão chorando juntos!” À noite chegaram a uma grande floresta e estavam tão cansados de tristeza, de fome e do longo caminho que se sentaram dentro de uma árvore oca e adormeceram.

Na manhã seguinte, quando acordaram, o sol já estava alto no céu e seus raios quentes entravam pela árvore. Então o irmãozinho disse: “Irmãzinha, estou com sede. Se eu soubesse de uma fonte, iria beber um pouco. Acho que ouvi uma murmurar.” O irmãozinho se levantou, pegou a irmãzinha pela mão e foram procurar a fonte. Mas a madrasta má era uma bruxa e tinha visto muito bem os dois filhos partirem. Seguiu-os às escondidas, sorrateira como andam as bruxas, e enfeitiçou todas as fontes da floresta. Quando encontraram uma fonte cuja água saltava cintilante sobre as pedras, o irmãozinho quis beber dela. Mas a irmãzinha ouviu o que ela dizia em seu murmúrio: “Quem beber de mim se tornará um tigre. Quem beber de mim se tornará um tigre.” Então a irmãzinha gritou: “Por favor, irmãozinho, não beba, senão você vai se tornar uma fera e me despedaçar.” O irmãozinho não bebeu, embora estivesse

com tanta sede, e disse: “Vou esperar até a próxima fonte.” Quando chegaram à segunda fonte, a irmãzinha ouviu que ela também dizia: “Quem beber de mim se tornará um lobo. Quem beber de mim se tornará um lobo.” Então a irmãzinha gritou: “Irmãozinho, por favor, não beba, senão você vai se tornar um lobo e me devorar.” O irmãozinho não bebeu e disse: “Vou esperar até chegarmos à próxima fonte, mas então terei de beber, você pode dizer o que quiser: minha sede é grande demais.” E, quando chegaram à terceira fonte, a irmãzinha ouviu o que ela dizia em seu murmúrio: “Quem beber de mim se tornará um corço. Quem beber de mim se tornará um corço.” Então a irmãzinha disse: “Ah, irmãozinho, por favor, não beba, senão você vai se tornar um corço e fugir de mim.” Mas o irmãozinho já se ajoelhara junto à fonte, se inclinara e bebera da água. Assim que as primeiras gotas lhe tocaram os lábios, ali estava ele, transformado em um corcinho.

A irmãzinha chorou pelo pobre irmãozinho enfeitiçado, e o corcinho também chorava, sentado tão triste ao lado dela. Por fim a menina disse: “Sossegue, querido corcinho, eu nunca vou abandonar você.” Então desamarrou sua ligadura, colocou-a ao redor do pescoço do corcinho, arrancou juncos e trançou com eles uma corda macia. Prendeu nela o bichinho e o levou adiante, entrando cada vez mais fundo na floresta. Depois de andarem por muito, muito tempo, chegaram enfim a uma casinha. A menina olhou para dentro e, como estava vazia, pensou: “Podemos ficar e morar aqui.” Reuniu folhas e musgo para fazer uma cama macia para o corcinho. Todas as manhãs saía para colher raízes, frutos e nozes para si, e trazia capim tenro para ele, que comia de sua mão, contente, e brincava ao seu redor. À noite, quando a irmãzinha estava cansada e já tinha feito sua oração, deitava a cabeça nas costas do corcinho. Esse era seu travesseiro, sobre o qual adormecia suavemente. Se o irmãozinho tivesse sua forma humana, teria sido uma vida maravilhosa.

Assim passaram algum tempo sozinhos na floresta. Aconteceu, porém, que o rei daquele país organizou uma grande caçada ali. O toque das trompas, os latidos dos cães e os gritos alegres dos caçadores ecoavam por entre as árvores. O corcinho ouviu tudo e ficou com muita vontade de participar. “Ah”, disse à irmãzinha, “deixe-me sair para a caçada, não aguento mais”, e pediu tanto que ela consentiu. “Mas”, disse-lhe ela, “volte à noite, sem falta. Vou fechar minha portinha por causa dos caçadores selvagens. Para que eu reconheça você, bata e diga: ‘Minha irmãzinha, deixe-me entrar.’ Se não disser isso, não abrirei a portinha.” O corcinho saltou para fora e se sentiu tão bem, tão alegre ao ar livre! O rei e seus caçadores viram o belo animal e o perseguiram, mas não conseguiam alcançá-lo. Quando pensavam que já o tinham apanhado, ele saltava por cima dos arbustos e desaparecia. Ao escurecer, correu até a casinha, bateu e disse: “Minha irmãzinha, deixe-me entrar.” Abriram-lhe a portinha, ele saltou para dentro e descansou a noite inteira em sua cama macia. Na manhã seguinte a caçada recomeçou. Quando o corcinho ouviu de novo a trompa de caça e o “ô, ô!” dos caçadores, não teve mais sossego e disse: “Irmãzinha, abra para mim, preciso sair.” A irmãzinha abriu a porta e disse: “Mas à noite você tem de estar de volta e dizer sua frase.” Quando o rei e seus caçadores tornaram a ver o corcinho de coleira dourada, todos o perseguiram, mas ele era rápido e ágil demais. Isso durou o dia inteiro. Por fim, à noite, os caçadores o cercaram, e um deles o feriu levemente numa pata, de modo que teve de fugir devagar, mancando. Um caçador o seguiu às escondidas até a casinha e ouviu quando ele chamou: “Minha irmãzinha, deixe-me entrar.” Viu que lhe abriram a porta e logo a fecharam outra vez. O caçador guardou tudo muito bem na memória, foi até o rei e lhe contou o que tinha visto e ouvido. Então o rei disse: “Amanhã haverá outra caçada.”

A irmãzinha levou um grande susto ao ver seu corcinho ferido. Lavou-lhe o sangue, pôs ervas sobre a ferida e disse: “Vá para sua cama, querido corcinho,

para sarar.” Mas o ferimento era tão leve que, de manhã, o corcinho já não sentia nada. E, quando ouviu de novo lá fora a animação da caçada, disse: “Não aguento, tenho de participar. Ninguém vai me pegar tão depressa.” A irmãzinha chorou e disse: “Agora vão matar você, e eu vou ficar aqui sozinha na floresta, abandonada por todo mundo. Não vou deixar você sair.” “Então vou morrer aqui de tristeza”, respondeu o corcinho. “Quando ouço a trompa de caça, parece que vou saltar para fora dos sapatos!” A irmãzinha não pôde fazer outra coisa: abriu-lhe a porta com o coração pesado, e o corcinho saltou para a floresta, saudável e alegre. Quando o rei o avistou, disse a seus caçadores: “Agora persigam-no o dia inteiro, até a noite, mas que ninguém lhe faça mal.” Assim que o sol se pôs, o rei disse ao caçador: “Venha agora me mostrar a casinha da floresta.” Diante da portinha, bateu e chamou: “Querida irmãzinha, deixe-me entrar.” A porta se abriu e o rei entrou. Ali estava uma menina tão bonita como nenhuma que ele já tivesse visto. A menina se assustou quando viu que entrava um homem com uma coroa dourada na cabeça, em vez de seu corcinho. Mas o rei a olhou com bondade, estendeu-lhe a mão e disse: “Quer ir comigo para meu castelo e ser minha querida esposa?” “Ah, sim”, respondeu a menina, “mas o corcinho também tem de ir. Eu não o abandono.” O rei disse: “Ele ficará com você enquanto você viver, e nada lhe faltará.” Nesse momento o corcinho entrou saltando. A irmãzinha o prendeu outra vez à corda de juncos, pegou-a na mão e saiu com ele da casinha da floresta.

O rei pôs a bela menina em seu cavalo e a levou ao castelo, onde celebraram o casamento com grande pompa. Agora ela era a rainha, e viveram juntos, felizes, por muito tempo. O corcinho era bem tratado e cuidado e saltava pelo jardim do castelo. Mas a madrasta má, por causa de quem os filhos tinham saído pelo mundo, acreditava que a irmãzinha fora despedaçada pelas feras na floresta e o irmãozinho, como um filhote de corço, morto a tiros pelos

caçadores. Quando soube que estavam tão felizes e passavam tão bem, a inveja e o despeito despertaram em seu coração e não lhe deram sossego. Não pensava em outra coisa senão em como ainda poderia levar os dois à desgraça. Sua própria filha, que era feia como a noite e tinha um só olho, a censurava e dizia: “A sorte de me tornar rainha devia ter sido minha.” “Fique quieta”, dizia a velha para acalmá-la. “Quando chegar a hora, estarei pronta.” Quando chegou o momento e a rainha deu à luz um belo menino, o rei estava justamente numa caçada. A velha bruxa tomou a aparência da camareira, entrou no quarto onde a rainha estava deitada e disse à doente: “Venha, o banho está pronto, vai lhe fazer bem e devolver suas forças. Depressa, antes que esfrie.” Sua filha também estava a postos. Carregaram a rainha enfraquecida até o quarto de banho e a deitaram na banheira. Depois trancaram a porta e fugiram. Mas tinham acendido no quarto de banho um verdadeiro fogo do inferno, de modo que a bela e jovem rainha logo teve de morrer sufocada.

Feito isso, a velha pegou a filha, pôs-lhe uma touca e a deitou na cama no lugar da rainha. Também lhe deu a forma e a aparência da rainha; só não pôde devolver-lhe o olho perdido. Para que o rei não percebesse, ela teve de se deitar sobre o lado em que não tinha olho. À noite, quando ele voltou para casa e soube que lhe nascera um filhinho, ficou muito contente e quis ir até a cama de sua querida esposa para ver como estava. Então a velha gritou depressa: “De modo nenhum, deixem as cortinas fechadas! A rainha ainda não pode olhar para a luz e precisa de repouso.” O rei recuou, sem saber que havia uma falsa rainha na cama.

Mas, à meia-noite, quando todos dormiam, a ama, que estava sentada junto ao berço no quarto da criança e era a única ainda acordada, viu a porta se abrir e a verdadeira rainha entrar. Ela tirou a criança do berço, tomou-a nos braços e lhe deu de mamar. Depois sacudiu seu travesseiro, deitou-a novamente no

berço e a cobriu com a cobertinha. Também não se esqueceu do corcinho: foi até o canto onde ele estava deitado e lhe acariciou as costas. Em seguida saiu outra vez pela porta, sem dizer palavra. Na manhã seguinte, a ama perguntou aos guardas se alguém tinha entrado no castelo durante a noite, mas eles responderam: “Não, não vimos ninguém.” Assim ela veio por muitas noites, sem nunca dizer uma palavra. A ama sempre a via, mas não tinha coragem de contar nada a ninguém.

Depois que algum tempo se passou, a rainha começou a falar durante a noite e disse:

*“Como está meu filho? Como está meu corcinho?
Virei ainda duas vezes, depois nunca mais.”*

A ama não lhe respondeu. Mas, quando ela desapareceu outra vez, foi até o rei e lhe contou tudo. O rei disse: “Ah, meu Deus, o que é isso! Na próxima noite vou ficar acordado junto da criança.” À noite foi para o quarto da criança, e à meia-noite a rainha apareceu novamente e disse:

*“Como está meu filho? Como está meu corcinho?
Virei ainda uma vez, depois nunca mais.”*

Então cuidou da criança como de costume, antes de desaparecer. O rei não teve coragem de lhe dirigir a palavra, mas ficou acordado também na noite seguinte. Ela disse mais uma vez:

*“Como está meu filho? Como está meu corcinho?
Venho só mais desta vez, depois nunca mais.”*

Então o rei não pôde se conter, correu até ela e disse: “Você não pode ser outra pessoa senão minha querida esposa.” Ela respondeu: “Sim, sou sua querida esposa”, e naquele instante, pela graça de Deus, recobrou a vida:

estava viçosa, corada e saudável. Depois contou ao rei o crime que a bruxa má e sua filha tinham cometido contra ela. O rei mandou levar as duas ao tribunal, e foi pronunciada a sentença. A filha foi levada à floresta, onde as feras a despedaçaram; a bruxa foi posta no fogo e teve de morrer queimada entre lamentos. Quando ela ficou reduzida a cinzas, o corcinho se transformou e recuperou sua forma humana. A irmãzinha e o irmãozinho, porém, viveram felizes juntos até o fim de seus dias.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/irmaozinho-e-irmazinha>